

APRESENTAÇÃO

Incitada pelos relógios da Globo que, desde abril de 1999, em horário nobre e nas diferentes regiões brasileiras, lembravam que “faltavam n dias para os 500 anos do Brasil”, a universidade brasileira entrou no clima das comemorações.

No decorrer de 1999, o Programa de Estudos Pós-Graduados e o Departamento de História da PUC-SP oscilaram entre a quase náusea diante das incontáveis solicitações que demandavam professores a participarem de mesas-redondas, encontros, programas de rádio e televisão, para falar sobre os descobrimentos, as especiarias, as navegações, os momentos fundantes da nacionalidade, e o reconhecimento de que, como historiadores, era impossível a omissão.

Nunca tivemos dúvida de que essa proposta de comemorar “Brasil 500 Anos”, em sua dimensão oficial e em curso na mídia brasileira, expressava a necessidade de reforçar e de continuar a impor uma memória única, alimentada por uma volta obsessiva ao passado como ocultamento do presente. Uma memória única marcada pelo ufanismo de um passado inventado, construído pelo branco europeu, pelos índios e negros escravos irmanados, deixando-nos como herança a perfeita harmonia e cordialidade de nossa gente, sempre pronta a construir um país glorioso e de futuro promissor.

Em meio à profusão de imagens e mensagens que enfatizam a festa e a comemoração, sempre musicadas e alegres para reforçar o discurso de harmonia, mais uma vez se tenta ignorar a natureza violenta do conflito social, ao longo desses 500 anos, atualizando uma versão que oculta as disputas políticas e o fato de que estas são também culturais.

Cientes de que, para existir o país que hoje somos, foram necessários o extermínio dos povos indígenas, a escravização dos africanos e a constante exclusão e marginalização dos pobres, a pergunta que nos incomodava no cotidiano da Universidade era como organizar atividades acadêmicas que nos inserissem criticamente nesse festival da nacionalidade.

Assim, ao organizar o Simpósio “Revisitando os descobrimentos: práticas, espaços e lugares da comemoração”, buscamos abrir um espaço no qual essa inquietação, e quase indignação, pudesse ser explicitada e compartilhada. Como afirmávamos na convocação do Simpósio, desejávamos refletir sobre e problematizar os significados sociais das comemorações neste e em outros momentos históricos, sempre entendidas e manipuladas como espaço privilegiado de afirmação da dominação.

Para tanto, a organização do evento procurou selecionar temas e promover atividades convidando profissionais de várias áreas acadêmicas das humanidades e participantes dos movimentos sociais que ajudassem a debater as mais diversas dimensões de abordagem da comemoração. A tentativa era de buscar, no campo da reflexão crítica, o encontro da filosofia e dos saberes das humanidades com as práticas e as experiências do movimento social e propiciar a troca e o entretecer de visões críticas em relação a processos de construção da experiência social e da memória, via comemoração.

Nesse sentido, a primeira conferência trouxe reflexões de uma filósofa, Marilena Chauí, que questionou o que é comemorar e porque comemorar numa realidade como a brasileira, acentuadamente marcada pelo autoritarismo, pela violência e pela cultura senhorial, cujas raízes incluem as versões providencial e profética da tradição judaico-cristã. O que comemorar num processo histórico em que relações teleológicas e personalistas favorecem a forte exclusão social e aprisionam e desmobilizam os cidadãos, ao se propor que a história seja feita pela vontade de Deus e não pelo trabalho dos homens?!

Uma segunda conferência trouxe uma análise crítica de Antonio Augusto Arantes que, como antropólogo, vem trabalhando, pesquisando e discutindo as implicações e os desdobramentos do projeto “Parque do Descobrimento”, em realização no Quadrilátero dos Descobrimentos, no extremo sul do estado da Bahia. Fazendo um estudo cuidadoso na região de Porto Seguro, por razões óbvias, para os festejos dos 500 anos do Brasil, destaca modos como forças hegemônicas se apropriam desse espaço e o ressignificam, num processo engenhoso de negociação imobiliária, de exploração turística, articulado a um trabalho arguto de produção e de reelaboração de imagens e memórias. Torna mais visíveis processos de desenraizamento, de marginalização e de exclusão social nesse mesmo espaço, disputado, numa enorme desigualdade de forças, por uma população nativa, ou que para lá ocorre em busca de oportunidades de sobrevivência.

Endossando o manifesto de várias entidades sobre Brasil 500 Anos de Resistência Negra, Indígena e Popular, a organização realizou, também, mesa-redonda para debater o tema com representantes de alguns desses movimentos, que contribuíram com refle-

xões sobre como contestar aquelas formas de comemorar, propondo maneiras alternativas de inserção nessa conjuntura.

Com as oficinas, a intenção foi trazer a historicidade da instituição e comemoração de uma memória única, mostrando as possibilidades de se recuperar o campo de disputas no qual as forças hegemônicas se instituem como memória da nacionalidade. Trabalhando com diferentes formas de linguagem e registros, que são e/ou expressam práticas sociais, essas oficinas procuraram, por uma análise crítica, chegar à diversidade, tornar as tensões mais visíveis e oferecer subsídios para a construção de visões, posições e caminhos alternativos de se pensar e ler a história.

A oficina Linguagens Visuais e Comemoração, destacando a presença acentuada dessas linguagens em nossas percepções de mundo e construções de significados, procurou estimular uma reflexão sobre a necessidade de historiadores e cientistas sociais estarem mais atentos à dimensão visual da cultura e desenvolverem metodologias para o seu estudo e o seu uso no ensino e na pesquisa. Indagando sobre o significado do ato de comemorar no contexto atual da nossa história e exercitando possibilidades de leitura das imagens comemorativas, numa observação da articulação recíproca entre a construção do olhar e os significados da linguagem visual, levou a refletir sobre modos como são resignificadas como veículos de intervenção político-cultural.

Trabalhando com a idéia de imagem em seu sentido mais amplo, o tema da descoberta do Brasil e da comemoração foi abordado através do cinema e da televisão, como imagens em movimento, e da pintura histórica, da caricatura e de monumentos urbanos, como imagens fixas.

Na oficina Linguagens Textuais e Comemoração, procurou-se questionar os múltiplos significados da comemoração, como manifestações vivas da história e como dimensões da memória social. Usando a literatura e a música como referências, buscou-se discutir como essas linguagens são elementos construtores das práticas sociais, entre elas das comemorações, lembrando e reificando permanências e encobrimentos.

Pensada para discutir criticamente as relações entre ensino e história e o contexto comemorativo atual, a oficina História, Ensino e Memória levou a refletir sobre fontes visuais e textuais como instrumentos de trabalho para o profissional de história, em ensino e pesquisa. Fazendo uso da Carta de Caminha, da pintura histórica e de outras pinturas, construiu reflexões sobre o historiador como sujeito do conhecimento que intervém e propõe mudanças, sugerindo outras formas de pensar e conceber a história, dialogando criticamente com a produção histórica a partir da sua inserção social e das

suas leituras contemporâneas sobre o passado e presente, evidenciando projetos distintos e as lutas entre os diferentes sujeitos.

Este evento realizou-se entre os dias 4 e 6 de outubro de 1999, sob os auspícios da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico (FNDCT), aos quais profundamente agradecemos, por terem possibilitado, não só reunir conferencistas, debatedores e professores, em torno de uma reflexão proveitosa, como também publicá-lo em suas várias formas de expressão. Agradecemos, igualmente, o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), na produção desta Edição.

Complementando as conferências e as oficinas, as traduções reunidas no presente volume de Projeto História também oferecem subsídios para se pensar criticamente os processos de construção da memória e da comemoração. A primeira, *É possível comemorar a Revolução em Lyon?*, de Bruno Benoit, indaga sobre sentidos da comemoração da Revolução Francesa em Lyon, em 1989; a segunda, *A gaiola da melancolia, identidade e metamorfose do mexicano*, de Roger Bartra, referindo-se à sociedade mexicana atual, reflete sobre a opacidade do fenômeno nacional, ocultando os motivos profundos pelos quais os homens toleram um sistema de dominação e garantem legitimidade à injustiça, à desigualdade e à exploração.

Lembrando que as lutas políticas se dão também no âmbito da cultura, *Projeto História* traz resenhas de algumas obras que falam sobre memória, comemoração, historiografia e cidadania. Apresenta relatos de pesquisas referidos ao tema e reproduz alguns documentos produzidos por movimentos populares brasileiros, posicionando-se em relação às comemorações dos 500 anos do Brasil.

Sobretudo no ano de 1999, estendendo-se pelo 2000, vêm proliferando no mercado editorial, tanto quanto na mídia, publicações e edições as mais variadas, referidas aos 500 anos do Brasil. Esta comemoração tem sensibilizado empresas e pessoas físicas para o financiamento de obras que reúnem documentos textuais, audiovisuais e iconográficos das riquezas e belezas do país, num misto de nostalgia, de vivências presentes e de prospecções futuras, envolvidas num clima de ufanismo e euforia.

Muitas dessas publicações e edições, cuidadosamente produzidas, com “os caprichos que a ocasião merece”, trazem imagens belíssimas. Algumas são inéditas, enquanto outras reimprimem produções clássicas ou que “marcaram época” na literatura, na música, nas artes plásticas, no cinema, ou na própria historiografia; outras apresentam genealogias, recuperam patrimônios documentais ou edificadas, esquecidos ou descuidados ao longo do tempo, diante da situação de descaso que a cultura e a educação

continuam a viver neste país. Embora algumas destaquem tensões e lutas vividas pelo nosso povo ao longo desses cinco séculos e questionem visões hegemônicas e cristalizadas dessa data comemorativa, a grande maioria vem reafirmando e realimentando o sentido da harmonia e da cordialidade como a marca maior da nação brasileira.

Buscando garantir nos textos a maior fidelidade possível ao modo como foram apresentadas e debatidas, as conferências e a mesa-redonda guardam um pouco do linguajar coloquial. As oficinas foram reunidas numa seção especialmente organizada neste volume de *Projeto História*, com a intenção de se preservar a natureza dentro da qual foram pensadas e programadas, de exercício de análise e de construção da reflexão.

As perspectivas críticas que cada um dos textos procurou destacar nestes Sentidos da Comemoração nos estimulam a lançar mão de outros olhares sobre este proliferar de produções em torno desta data, sondando nelas, até mesmo na sua beleza e plasticidade, formas de ocultamento de exclusões, de tensões e lutas, com vistas a refletir sobre a construção de destinos mais democráticos para o nosso país.

Déa Ribeiro Fenelon
Heloísa de Faria Cruz
Yara Aun Khoury